

# ARQUEOLOGIA MEDIEVAL CRISTÃ EM PORTUGAL

Isabel Cristina Ferreira Fernandes\*

## Introdução

A importância que desde o dealbar do séc. XX se concedeu à arqueologia romana em Portugal, permitiu estender esse horizonte ao vulgarmente designado por *Antiguidade Tardia*, que alguns preferem referir como período visigótico. O enquadramento cronológico ousado para este quadro raramente ía além dos sécs. IV-V, mantendo-se um vago iato de referências e efectivo conhecimento para as centúrias seguintes até à presença islâmica. Nos inventários de Leite de Vasconcelos, de Estácio da Veiga, de Abel Viana e outros, o material dito visigótico, predominantemente proveniente de necrópoles, é recenseado a par do romano<sup>1</sup>. O estudo do período suevo-visigótico avança então timidamente e, em termos arqueológicos, vive da recolha de peças, umas destinadas a museus, outras a colecções privadas<sup>2</sup>: pedras decoradas, capitéis, estelas, lápides, moedas e algumas cerâmicas<sup>3</sup>. Fernando de Almeida<sup>4</sup> foi o principal protagonista das primeiras investigações de Arqueologia Medieval, dentro do paleocristão / visigótico, com o estudo de pedras “visigodas” (de Vera Cruz de Marmelar, de Lisboa, de Abiul, de Soure) e intervenções em Odrinhas, S. Cucufate, S. Gião da Nazaré (1965-66) e Idanha-a-Velha (desde 1956)<sup>5</sup>. Segundo P. Almeida Fernandes<sup>6</sup> é também Fernando de Almeida que concebe um modelo interpretativo para classificar o espólio deste período (em três núcleos estilísticos: suévico, lusitânico e olissiponense), alicerçado na corrente historiográfica dominante a nível peninsular, de base visigotista.

---

\*CEAUCP-CAM / CIDEHUS / Museu Municipal de Palmela.

<sup>1</sup> Citem-se Abel Viana, *Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo* (Bracara Augusta, Braga, 1959) de Fernando de Almeida, *Arte Visigótica em Portugal* (Lisboa, 1962), além de outros artigos de Afonso do Paço e de Vergílio Correia.

<sup>2</sup> Para além de várias obras então editadas, em torno desta temática, são de destacar vários encontros científicos de âmbito internacional, realizados em Braga entre 1950 e 1965, cujas actas se encontram publicadas na revista *Bracara Augusta*, uma edição da Câmara Municipal de Braga (Fontes, 2002: 223).

<sup>3</sup> As revistas *O Arqueólogo Português* (iniciada em 1895), *Arquivo de Beja*, *Bracara Augusta*, *Arqueologia e História* (Associação dos Arqueólogos Portugueses), *Revista de Guimarães* e as actas do *23º Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956) foram os principais canais de divulgação de notícias, achados e primeiros estudos de arqueologia medieval até aos anos 70.

<sup>4</sup> Sobre a sua acção veja-se: Matos, 2003 e Fernandes, P. A., 2003.

<sup>5</sup> Já nos anos 70 D. Fernando de Almeida assina trabalhos, dentro da mesma área de investigação, sobre Sines (1970), Troia (1970 e 1978), Torre de Palma (1974), S. João de Azinhais – Alcácer do Sal (1978).

<sup>6</sup> FERNANDES, 2004.

O interesse pelo medieval pleno e pela baixa Idade Média, no plano arqueológico, colhe raízes nos processos de restauro das primeiras décadas do séc. XX, seguidoras dos princípios valorizadores da medievalidade de Camilo Boito e Viollet-le-Duc. A leitura arqueológica que então se faz, bem como os estudos de história e arte, associados à acção da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, servem de fundamento para a aplicação de critérios próximos da *unidade de estilo*. Por outro lado, a pesquisa do medievo ajusta-se bem à linha nacionalista do Estado Novo, aos projectos das Comemorações Centenárias. A reabilitação de dezenas de castelos, igrejas, capelas e mosteiros, entendidos como marcos de um passado de glórias e valores identitários do povo português, vai resultar num impacto muito significativo ao nível da imagem do monumento que é, quase sempre, de origem medieval. Apesar da incipiência dos procedimentos arqueológicos, em contexto de obra e resumindo-se à recolha de artefactos e peças arquitectónicas e escultóricas, a investigação arqueológica do período medieval pleno podemos dizer que nasceu aqui, à sombra da legitimação do acto reconstrutivo. No entanto, só a partir dos anos 70 e mais acentuadamente no Portugal democrático, se começa a definir uma linha de investigação arqueológica pautada pela inovação e pelo rigor científico, aproximando-se das práticas europeias. Para tal contribuiu de sobremaneira o investimento na formação universitária nesta área, de que foram pioneiras as universidades do Porto e de Lisboa.

Hoje em dia, as políticas de ordenamento do território e de reabilitação de centros históricos, a par da criação de legislação vinculativa de acompanhamento de obras e de preservação de sítios, têm-se tornado cada vez mais determinantes para o desenvolvimento de trabalhos de campo e subseqüentes estudos arqueológicos do medieval cristão, em especial nos espaços urbanos.

Uma nota também para a progressão de uma “arqueologia da expansão”, centrada nas pesquisas subaquáticas ao longo do litoral português e nas fortificações e urbes da costa norte-ocidental africana e das ilhas atlânticas, entre outros<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A título de exemplo citem-se as investigações na Ria de Aveiro, com excelentes resultados no estudo de embarcações e cerâmicas do séc. XV (CNANS); as intervenções na foz do Arade (Museu M. de Portimão e CNANS); as investigações do Centro de História de Além Mar, FCSH – UNL no Faial, em Angra do Heroísmo, em Azamor (do séc. XV à época moderna); as intervenções na Sé da Cidade Velha, em Cabo Verde e em Macau (Clementino Amaro).

### *Espaços Religiosos*

Os estudos de Carlos A. Ferreira de Almeida, dentro do altimedieval, começam por centrar-se na rede viária (1968) e na arquitectura medievais, cruzando as abordagens artísticas e arqueológicas em castelos e cercas do centro e norte de Portugal (1978 e 1986). Para os espaços religiosos são as intervenções de Manuel Real na igreja de Santa Marinha da Costa (Guimarães, 1980, 1981, 1985), que dão a conhecer os primeiros registos estratigráficos desse período no noroeste português, revelando uma sucessão de templos, do suevo-visigótico ao românico. A intervenção na igreja da Costa, exemplar enquanto cooperação entre o arqueólogo e o restaurador, serve a Real para evidenciar a urgência de se investigarem arqueologicamente edifícios medievais e tentar assim compreender a sua história construtiva e funcional<sup>8</sup>. Em Sabariz, identifica o primeiro eremitério rupestre conhecido em Portugal e prossegue investigações sobre as covas eremíticas na região de Amarante e Resende<sup>9</sup>. Mário Jorge Barroca finaliza em 1987 um estudo das necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (sécs. V a XV) e avança com pesquisas em torno de elementos arquitectónico-decorativos do pré-românico (1990) e dos primeiros castelos da reconquista (1991). Por sua vez Luís Fontes inicia escavações na basílica suevo-visigótica de Dume (1987, 1988). A revista *Arqueologia*, com 23 volumes editados pelo GEAP<sup>10</sup> entre 1980 e 1993, é a expressão da dinâmica que a investigação arqueológica assumiu então na região norte.

Os anos 90 são férteis na evolução das pesquisas arqueológicas aplicadas a templos altimedievais, de que são exemplo as intervenções de Barroca e Real no templo de S. Torcato, Guimarães (1992), de Gonçalves Guimarães na igreja do Bom Jesus de Gaia (1988-1992), de Torres e Macías na basílica de Mértola (1993), de Justino Maciel na igreja do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (1996), de Inês Vaz na basílica de Viseu (2000), de Luís Fontes em S. Gião da Nazaré (2000-2005), entre outros. Estas investigações conduzem à identificação, no território português, de diferentes modelos arquitectónicos de templos cristãos dentro um mesmo friso cronológico. L. Fontes<sup>11</sup> entende que esta diferenciação se baseia na diversidade da organização geo-política entre os sécs. V e VIII, com a região norte na influência de Ravena, Milão e Tours e o sul na de Bizâncio e do Norte de África. Com a *IV Reunião de Arqueologia Cristã*

---

<sup>8</sup> REAL, 1980: 35-37.

<sup>9</sup> Os resultados não se encontram publicados.

<sup>10</sup> Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; Vítor Oliveira Jorge era o director da revista e C. A. Ferreira de Almeida fazia parte do Conselho Científico na secção de Arqueologia Medieval. A revista editará ainda três números entre 1999 e 2001.

<sup>11</sup> FONTES, 2002: 227-228.

*Hispânica* (1992)<sup>12</sup>, anima-se a discussão em torno do moçarabismo e revela-se a vitalidade dos trabalhos de campo no altimedieval, por exemplo em S. Cucufate e no Monte da Cegonha - Vidigueira, em Dume, em Torre de Palma - Monforte, no sítio dos Mosteiros -Portel, em Mértola, em Viseu. A defesa da influência da arte islâmica nas produções hispano-godas e da sua apropriação de modelos anteriores ganha um novo vigor e prolonga-se nos debates de Mérida (2000)<sup>13</sup>. Os trabalhos de Real sobre o Mosteiro de Fráguas<sup>14</sup> e sobre o denominado grupo “portucalense” da escultura decorativa em Portugal<sup>15</sup> destacam a importância de Coimbra e da região do Porto, nos sécs. IX e X, como centros de produção artística regionais, o retorno ao clássico como recurso insistente e supra-regional e reconhece os crescentes cuidados a ter na discussão do moçarabismo para a região norte, a necessidade de relativização de certos conceitos mais rígidos e de reconhecimento da complexidade do processo criativo do espaço mediterrânico. Paulo A. Fernandes, avança igualmente com contributos nesta área, através do estudo da igreja de Lourosa, que filia na arquitectura áulica da Oviedo do séc. IX, obrigando a repensar a área de influência asturiana. Desconstruindo o modelo visigotista e propondo abordagens que privilegiam âmbitos cronológicos mais largos, este investigador tem vindo a trabalhar também a presença moçárabe no sul, recorrendo a espólio de Lisboa, Sines e Beja. O altimedieval tem igualmente notável expressão em Milreu (Faro)<sup>16</sup> e Tróia (Grândola)<sup>17</sup>, com programa de valorização em curso, e importa ainda referir as mais recentes descobertas de Mértola<sup>18</sup> e de Vila Verde de Ficalho<sup>19</sup>. Para o medieval cristão pleno são ainda de referir as intervenções arqueológicas em igrejas, abadias e mosteiros<sup>20</sup>, integradas em projectos de estudo global e de valorização dos monumentos, da iniciativa de organismos estatais<sup>21</sup>, de que destacamos as do Mosteiro de Alcobaça, do Mosteiro de S. Pedro de Tibães, do Mosteiro de S. João de

---

<sup>12</sup> Realizada em Lisboa, em 1992, actas publicadas em 1995.

<sup>13</sup> Refiro-me aos seminários realizados periodicamente em Mérida, nomeadamente o de 1999: *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la antigüedad tardia y la alta Edad Media* (actas publicadas em 2000) e o de 2005, sobre escultura decorativa.

<sup>14</sup> REAL, 2005: 275-292.

<sup>15</sup> REAL, 2005, no prelo.

<sup>16</sup> Lembremos os trabalhos arqueológicos de Theodor Hauschild.

<sup>17</sup> Programa de recuperação e valorização do sítio coordenado pela arqueóloga Inês Vaz Pinto.

<sup>18</sup> LOPES, V., 2010 (no prelo). O recente colóquio «Leituras do Sul Cristão», realizado em Mértola em 2010, proporcionou a divulgação e o debate dos últimos estudos no âmbito do altimedieval português.

<sup>19</sup> WOLFRAM e SOARES, 2010 (no prelo).

<sup>20</sup> Para além das citadas, tem havido intervenções arqueológicas noutras igrejas e mosteiros: Rendufe, Pombeiro, Flor da Rosa, Rates, Gaia, Numão, Pitões das Júnias.

<sup>21</sup> Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR, hoje IGESPAR)

Tarouca<sup>22</sup>, do Convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra. Esta última é um bom exemplo de projecto integrado, com o concurso da geologia, da botânica, da antropologia e da modelação virtual, que permitiu recuperar estruturas arquitectónicas da igreja e do claustro até então submersas, associadas a enterramentos e a diversificado espólio que ilustra o quotidiano da comunidade clarissa<sup>23</sup>. O Convento de S. Francisco em Santarém<sup>24</sup> é um exemplo de intervenção em templos e necrópoles onde o contributo dos estudos antropológicos foi decisivo para um conhecimento mais completo das populações em presença. Actualmente, é possível ampliar esse conhecimento através da recuperação e análise de material genético<sup>25</sup>. Também os estudos paleoecológicos<sup>26</sup> têm acrescentado informações de valor para a compreensão do quotidiano dos sítios- dietas alimentares, práticas agrícolas e pecuárias.

Para as Ordens militares o trabalho tem-se centrado em castelos (Palmela, Alcácer do Sal, Mértola)<sup>27</sup> embora se tenham também efectuado acções em igrejas e mosteiros, como em Évora, Flor da Rosa, Crato e Tomar<sup>28</sup>. Em Palmela foram escavados uma necrópole de freires da Ordem de Santiago (sécs. XII-XIII) e outros contextos domésticos e militares do mesmo período, legendando momentos de confronto entre almóadas e portugueses<sup>29</sup>.

### ***Arqueologia da Arquitectura***

Essencialmente aplicadas ao património religioso medieval, as intervenções de *arqueologia da arquitectura* são mais frequentes no âmbito de programas integrados de recuperação, restauro e valorização de monumentos. Este método proporciona uma leitura científica do edificado, complementando as abordagens artística e arqueológica e resolvendo questões evolutivas e de atribuição. Não é, contudo, de fácil aplicação, registando-se frequentemente problemas no rigor do levantamento gráfico que lhe serve de base e que é o mais oneroso. A igreja da S. Gião da Nazaré, o mosteiro de Rendufe, a catedral de Idanha-a-Velha, a igreja de Lourosa, foram alguns dos monumentos a

---

<sup>22</sup> Intervencionado arqueologicamente por Miguel Rodrigues, Ana Castro e Luís Sebastian.

<sup>23</sup> A intervenção foi coordenada por Artur Côrte-Real e realizada entre 1995 e 1999.

<sup>24</sup> Coordenação de Maria Ramalho.

<sup>25</sup> CUNHA, 2002: 265.

<sup>26</sup> Em Portugal desenvolvidos pelo Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências do Instituto Português de Arqueologia, entretanto extinto.

<sup>27</sup> A cargo de Isabel Cristina Fernandes (Palmela), A. Cavaleiro Paixão (Alcácer do Sal) e Campo Arqueológico de Mértola (Mértola).

<sup>28</sup> A cargo de Ana Gonçalves (Évora), de Maria Pilar Reis (Flor da Rosa) e de Salette da Ponte (Tomar).

<sup>29</sup> FERNANDES, I. C. : 2004.

beneficiarem da complexa análise estratigráfica do edificado<sup>30</sup>. Actualmente as empresas de arqueologia têm assumido a primazia da iniciativa destes estudos e mesmo da formação<sup>31</sup>, ainda que na sequência de condicionantes ou medidas de minimização de impactes definidas pela tutela. É o caso das intervenções na baixinha de Coimbra<sup>32</sup>, na Igreja do Carmo, em Lagos<sup>33</sup>, no Paço das Cunhas, Santar, Nelas<sup>34</sup>, no Paço Episcopal da Diocese de Viseu<sup>35</sup>. Também a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desenvolveu programas de arqueologia da arquitectura na área urbana de Braga, sendo o melhor exemplo o edifício nº 43-49 da Rua dos Biscainhos<sup>36</sup>. Estão em curso acções deste tipo, do IGESPAR, no âmbito da reabilitação e adaptação do antigo Convento do Santíssimo Sacramento (Lisboa)<sup>37</sup> e no Convento de Cristo – Claustro das Necessidades<sup>38</sup>. A revista *Arqueologia da Arquitectura*, edição espanhola, divulga e promove o investimento científico nesta área, incluindo o que se faz em Portugal.

### *Espaços urbanos*

Um outro grande impulso à arqueologia cristã da plena e da baixa Idade Média tem sido dado pelas investigações em meios urbanos. Braga, Porto, Coimbra, Santarém, Lisboa, Almada, Palmela, Évora, Mértola, Tavira e Silves têm sido um dos principais centros com escavações sistemáticas e divulgação de resultados. A arqueologia urbana conheceu os primeiros passos com o projecto de salvamento urbano em Braga (Universidade do Minho)<sup>39</sup>, em 1976 (que depois iria motivar a realização de um *Encontro de Arqueologia Urbana*, na mesma cidade, em 1994), caracterizado pela

---

<sup>30</sup> Os dois primeiros foram desenvolvidos pelo IPPAR em cooperação com a equipa do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) de Madrid, liderada por Luis Caballero Zoreda e com a participação dos arqueólogos Maria Ramalho (IPPAR) e Luís Fontes (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho); o terceiro, no âmbito do projecto *Arqueologia da Arquitectura Altomedieval nas Astúrias, Extremadura e Portugal*, no âmbito do *Programa Nacional de Investigação Científica, Desenvolvimento e Inovação Tecnológica de Espanha*, com Caballero, Maria Ramalho e Paulo Fernandes, tal como o último.

<sup>31</sup> A Dryas Arqueologia organizou um curso intitulado «Introdução à Arqueologia do Edificado», Coimbra, Novembro de 2009.

<sup>32</sup> BASÍLIO, Lília e ALMEIDA, Miguel (DRYAS Arqueologia), «O projecto de arqueologia do edificado na Baixinha de Coimbra (Coimbra, Portugal)», In *Arqueologia da Arquitectura*, nº 7, p. 129-146.

<sup>33</sup> Da responsabilidade da ARKHAIOS – Lúcia Miguel, Rita Gaspar, Carlos Pinto de Oliveira.

<sup>34</sup> Da responsabilidade da ARQUEOHOJE - M<sup>a</sup> Fátima Beja e Costa.

<sup>35</sup> Da responsabilidade da ARQUEOHOJE - Nádia Figueira.

<sup>36</sup> FONTES, Luís; CATALÃO, Sofia; ALVES, Mafalda, «Arqueologia da Arquitectura em Contexto Urbano: reflexões a partir de 3 exemplos da cidade de Braga, Portugal». In *Arqueologia da Arquitectura*, nº 7, p. 105-128.

<sup>37</sup> Da responsabilidade de Luís Fontes, Sofia Catalão, José Sendas e Mário Pimenta - Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho com colaboração de Maria Ramalho.

<sup>38</sup> Da responsabilidade de Ana Carvalho Dias.

<sup>39</sup> Da responsabilidade do arqueólogo Francisco Sande Lemos.

pluridisciplinaridade da equipa e pelo forte envolvimento institucional. Outro notável projecto foi o da Casa do Infante, no Porto<sup>40</sup>. Iniciado em 1991, juntou uma vasta equipa que, de forma integrada e metodologicamente inovadora, efectuou registos e estudos do maior interesse para níveis entre os sécs. XIV e XVI, com destaque para as produções cerâmicas.

As grandes intervenções de Lisboa iniciaram-se nos anos 80 na Casa dos Bicos<sup>41</sup> e nos anos 90 na Sé Catedral onde se identificaram também estratos da Antiguidade Tardia. A partir de 1995, o castelo de S. Jorge é palco de importantes trabalhos arqueológicos, coordenados por Ana Gomes e Alexandra Gaspar (IPPAR), que revelaram níveis islâmicos e cristãos pós-reconquista, para além de ocupações dos sécs. XIV a XVIII no Palácio dos Bispos e dos Condes de Santiago. Outras intervenções, sobretudo decorrentes de rearranjos urbanísticos e obras de vulto, tiveram lugar na última década em vários locais da cidade de Lisboa, protagonizadas pelo município / Museu da Cidade, por organismos do Ministério da Cultura e por empresas de arqueologia<sup>42</sup>. Das intervenções do Museu da Cidade (preventivas, de emergência e de acompanhamento), refiram-se, com vestígios do período medieval, as da R. dos Douradores, do Martim Moniz, da Travessa Gaspar Trigo, da Calçada da Graça.

### ***Fortificações, organização do território e paisagem***

Apesar do interesse pela valorização e recuperação de castelos remontar ao Estado Novo, só a partir dos anos 90 se analisam de forma integrada, com grande destaque para a componente arqueológica. Dentro da escassez de pesquisas sobre fortificações da antiguidade tardia, realcem-se os estudos de Adriaan De Man sobre defesas urbanas pré-islâmicas<sup>43</sup>. Numa reflexão sobre as muralhas de Conímbriga, Coimbra e Faro, conclui por uma continuidade, ao nível dos aparelhos, entre as fortificações do Baixo-Império e as primeiras fortificações islâmicas e reconhece mesmo a persistência de uma tradição arquitectónica defensiva até à *reconquista*<sup>44</sup>. Os estudos de Mário Barroca são pioneiros na análise histórico-arqueológica do castelo medieval português. O extenso artigo «Do

---

<sup>40</sup> Projecto coordenado por Manuel Real. São também de referir os v estudos do autor sobre o românico português, onde cruza a análise artística e arqueológica: S. Pedro de Rates (1982), S. Pedro de Roriz (1982), Abadia Velha de Salzedas (1983), S. Pedro de Ferreira (1986), Sé de Braga (1989), S. Cristovão de Coimbra (1994), S. Vicente de Fora (1995), Sé do Porto (1984), entre outros.

<sup>41</sup> Direcção de Clementino Amaro.

<sup>42</sup> Entre essas intervenções, citem-se as realizadas na baixa – BCP e Mandarin Chinês, na Fundação Ricardo Espírito Santo, na Praça das Alcaçarias e em S. João da Praça.

<sup>43</sup> DE MAN, 2008.

<sup>44</sup> DE MAN, 2007: p. 74.

*castelo da reconquista ao castelo românico*»<sup>45</sup> abre novas perspectivas de leitura da arquitectura militar medieval e, a partir dele, o autor abre caminhos na investigação do armamento, da epigrafia, da decoração arquitectónica. Ao castelo da *reconquista* associa o estudo da arquitectura dos primeiros tempos das ordens militares.

No norte do país são vários os projectos associados a castelos medievais, alguns com a interpretação dos povoados onde se integram e a definição de linhas de conservação e de valorização do monumento ou do conjunto edificado. São inúmeros os exemplos: o castelo de Montalegre (António Amaral), o castelo de Marialva (Paulo Dordio Gomes), os castelos de Miranda do Douro, Algosó, de Penas Róias, de Mogadouro (DRC-Norte)<sup>46</sup>, o castelo de Ansiães (A. Luís Pereira e Isabel Alexandra Lopes). O projecto de investigação do castelo de Ansiães<sup>47</sup> é um exemplo modelar de interdisciplinaridade e que associa a arqueologia extensiva, da paisagem e monográfica, à investigação arquivística. Propõe-se conhecer os processos de formação e transição das realidades económica, demográfica, social e cultural, subjacentes à organização estrutural do povoado amuralhado, com destaque para os contextos baixo-medievais (sécs. IX a XVI)<sup>48</sup>. São também de referir os trabalhos de levantamento e de escavação arqueológicos desenvolvidos nos castelos roqueiros do Concelho de Arouca, vistos como uma tradição milenar que associava os relevos mais marcantes do território a um estatuto de poder e de controle espacial (coordenação de António M. Silva)<sup>49</sup>. Na região centro são várias as intervenções arqueológicas em muralhas e castelos medievais, com resultados importantes para o entendimento da evolução dos sistemas defensivos urbanos: Viseu<sup>50</sup>, Trancoso<sup>51</sup>, Castelo Rodrigo<sup>52</sup>, Guarda<sup>53</sup>, Celorico da Beira<sup>54</sup>, Torres Vedras<sup>55</sup>, entre outros.

---

<sup>45</sup> BARROCA, 1994.

<sup>46</sup> Projecto de valorização apresentado recentemente por Paulo Amaral, 2010 (prelo).

<sup>47</sup> O projecto de investigação arqueológica, *Estudo das Continuidades e Rupturas da organização e desenvolvimento urbano da vila medieval de Ansiães*, começou por participar numa equipa interdisciplinar correspondente à linha de investigação em História Medieval que desde 1995 se desenvolveu no âmbito do G. E. H. V. I. D. (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), a funcionar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>48</sup> PEREIRA e LOPES, 2005: 79-128. Contam com a colaboração de especialistas nos domínios da paleobiologia, da arqueometalurgia, da paleocarpologia, da arqueozoologia, da química, da fotogrametria, da história de arte.

<sup>49</sup> 2004 e 2010 (prelo).

<sup>50</sup> SARAIVA, CARVALHO e CHÉNEY, 2010 (prelo).

<sup>51</sup> FERREIRA e LOBÃO, 2010 (prelo).

<sup>52</sup> FRADE e ALBUQUERQUE, 2010 (prelo).

<sup>53</sup> PEREIRA e CAMEIJO, 2010 (prelo).

<sup>54</sup> MARQUES, 2010 (prelo).

<sup>55</sup> LUNA e CARDOSO, 2010 (prelo).

A caracterização do povoamento em época medieval, pela via arqueológica, tem igualmente conhecido bons avanços, sobretudo na região do Mondego e a norte. Catarina Tente tem trabalhado, desde 2002, as estratégias de povoamento nessa região, entre os sécs. V e XII, com base em prospecções, no levantamento de sepulturas escavadas na rocha e na escavação de Penedo dos Mouros, um sítio do séc. X<sup>56</sup>. Mais recentemente, novos projectos<sup>57</sup> permitiram-lhe caracterizar a ocupação dos séculos IX e X no Alto Mondego, que se estrutura em povoados/aldeias de cariz camponês, dotadas de estruturas defensivas. Para além de dados sobre a economia e o quotidiano destas populações a arqueologia permitiu ainda lançar novas questões sobre a estrutura social destas comunidades e a formas de relacionamento com os poderes<sup>58</sup>. O projecto da Freguesia de Capinha (M. Constança G. dos Santos)<sup>59</sup> e também o projecto da responsabilidade de Carlos Banha para a Cova da Beira<sup>60</sup> centram a análise do povoamento na identificação e inventário de sepulturas escavadas na rocha, um vasto campo de estudo que Mário Barroca desenvolvera nos anos oitenta para o Entre-Douro-e-Minho, que teve expressão nos estudos do Alto Paiva<sup>61</sup>, na região de Évora<sup>62</sup>, e em vários outros estudos dispersos e que agora toma forma nas Beiras.

Ainda na região norte decorrem projectos arqueológicos ligados ao estudo da paisagem e da estruturação do povoamento medievais na região do Alto Paiva, do Vouga, do Dão e Alva, de Viseu, de Riba Côa<sup>63</sup>. O projecto *Cister no Vale do Douro*, coordenado por Ricardo Teixeira, conferiu à arqueologia monástica uma dimensão interpretativa da paisagem e de organização do território. Duma forma geral estes projectos recorrem à pesquisa documental escrita em associação com a prospecção e a escavação arqueológicas, na perspectiva de obter leituras geo-espaciais e perceber a estratégia de povoamento nessas regiões. No Médio Vale do Douro, António Lima ensaia a

---

<sup>56</sup> TENTE: 2007.

<sup>57</sup> Projecto *Estratégias de povoamento no Alto Mondego - Séculos VII a XII*, apresentado ao IPA em 2006; Projecto *Alto Mondego: terra de fronteira entre Cristãos e Muçulmanos*, aprovado pela FCT, 2006.

<sup>58</sup> TENTE, 2009, 2009a, 2010.

<sup>59</sup> Designação dos projectos: Catarina Tente – *A Ocupação Alto-Medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*; Maria Constança G. dos Santos – *Antiguidade Tardia e Alta Idade Média na Freguesia de Capinha: as sepulturas escavadas na rocha e a organização do povoamento*.

<sup>60</sup> Designação do projecto: *Necrópoles e sepulturas escavadas na rocha na Cova da Beira*.

<sup>61</sup> VIEIRA, 2004.

<sup>62</sup> TENTE e LOURENÇO, 2002.

<sup>63</sup> Referimo-nos aos seguintes projectos: *Da Serra da Nave ao Vouga: Paisagens humanas durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média*, direcção de Marina Afonso Vieira; *O Alto Paiva – Sociedade e Estratégias de Povoamento desde a Pré-História à Idade Média*, da responsabilidade de Domingos da Cruz; *O Povoamento Alto Medieval entre os rios Dão e Alva*, direcção de Sandra Lourenço. Para Viseu, referimo-nos aos trabalhos de Jorge Adolfo Meneses Marques e, para o Riba Côa, aos trabalhos de Iñaki Martín Viso.

compreensão do fenómeno do *incastelamento* através da relação entre os castelos e as vias de comunicação<sup>64</sup>.

A sul, as análises arqueológicas de povoamento têm-se centrado mais no período islâmico<sup>65</sup>, permitindo uma leitura do território que é válida para a fase da *reconquista*<sup>66</sup>, complementando-se com abordagens históricas como a de Hermenegildo Fernandes<sup>67</sup> para a região de Beja ou a de Boisselier<sup>68</sup>. A intervenção no cerro do castelo de Alferce, para o altomedieval, permitiu ensaiar uma primeira leitura do povoamento da região de Monchique<sup>69</sup>. O interesse do estado central e das autarquias na conservação e revitalização de castelos, tem também justificado variadas intervenções arqueológicas na região sul, muitas delas de continuidade, e os levantamentos na sequência de grandes empreendimentos públicos ou privados, como é o caso da barragem do Alqueva, vão proporcionando a actualização do inventário e algumas intervenções de emergência. Citem-se os castelos e as áreas urbanas / centros históricos de Lisboa, Palmela, Setúbal, Sesimbra, Alcácer do Sal, Moura, Mértola, Alcoutim, Tavira, Cacela, Silves, Aljezur. Na maior parte deles é o período islâmico que assume maior destaque, mas os níveis estratigráficos da e pós-*reconquista* são de muito interesse e riqueza informativa para o estudo do quotidiano e dos contextos de guerra.

Os Simpósio Internacionais sobre Castelos, o primeiro intitulado *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb, 500-1500*, e organizado em Palmela, em 2000, e o segundo, *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Sécs. VI a XVI)*, realizado em Óbidos, em 2010<sup>70</sup>, constituíram importantes momentos de discussão e conhecimento dos últimos resultados da investigação arqueológica nesta área e neste âmbito cronológico<sup>71</sup>.

Entre 1980 e 2005 realizaram-se mais de uma centena de intervenções arqueológicas<sup>72</sup> em castelos, muralhas, torres e atalaias do período medieval, correspondendo algumas delas a projectos de continuidade. No simpósio de Óbidos (2010) foram apresentadas 29 comunicações e posters sobre fortificações medievais portuguesas, o que mostra a

---

<sup>64</sup> LIMA, 2009 e 2010 (prelo).

<sup>65</sup> Nomeadamente a de Santiago Macías: Mértola, o Último Porto do Mediterrâneo.

<sup>66</sup> Refiro-me aos estudos de Santiago Macías e Helena Catarino (veja-se o artigo sobre Arqueologia Medieval Islâmica).

<sup>67</sup> FERNANDES, H.

<sup>68</sup> BOISSELIER,

<sup>69</sup> MEULEMEESTER, GRANGÉ, DEWULF: 2006.

<sup>70</sup> O primeiro foi organizado pelo Município de Palmela e o segundo pelo Município de Óbidos.

<sup>71</sup> As actas do I Simpósio foram editadas em 2002 (*Mil Anos de Fortificações...*)

<sup>72</sup> FERNANDES, I. C.: 2005. Entenda-se por intervenções arqueológicas: escavação, sondagem, prospecção, levantamento, acompanhamento.

persistência da investigação histórica e arqueológica em torno de castelos, apesar dos magros ou inexistentes apoios financeiros da tutela nos últimos anos.

### ***Cerâmica***

O IV Encontro sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola em 1987 e as I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, realizadas em Tondela em 1992, marcaram em Portugal o início de uma nova era no estudo das produções cerâmicas medievais e na subsequente percepção do seu contributo para o conhecimento do artesanato, da alimentação, da circulação de mercadorias, mercados e artífices, para a leitura das paisagens rurais e das tecituras urbanas medievais. Os quatro Encontros de Tondela, com carácter internacional, promoveram o alargamento do âmbito de pesquisa às vertentes etno-arqueológica e laboratorial. Nas primeiras jornadas destacou-se a apresentação dos conjuntos cerâmicos da Casa do Infante, dos séculos XIII a XV<sup>73</sup> e o primeiro balanço sobre o estudo de cerâmicas medievais do sul de Portugal, feito por Rosa Varela Gomes<sup>74</sup>, que inclui uma panorâmica do estudo das cerâmicas portuguesas dos sécs. XIV a XVI. Para cronologias pleno e baixo-medievais, outros conjuntos foram registados, embora nem sempre estudados, nomeadamente os provenientes de Cascais<sup>75</sup>, Sintra, Barreiro (forno da Mata da Machada)<sup>76</sup>, Setúbal, Tavira<sup>77</sup>, Évora e Madeira. Em Évora, no antigo Palácio dos Sepúlvedas, foi identificada e escavada uma olaria quatrocentista<sup>78</sup> e, na Madeira, Élvio Sousa realizou o estudo do quotidiano da cidade do Machico (sécs. XV a XVII) através de contextos arqueológicos em que as cerâmicas assumem um papel de relevo<sup>79</sup>.

Nas bacias do Tejo e do Sado – Palmela, Alcácer do Sal, Almada e Lisboa<sup>80</sup> - têm-se exumado e estudado conjuntos do período da *reconquista* com evidentes afinidades formais, que podemos balizar entre a segunda metade do séc. XII e o século XIII. A norte, para cronologias próximas, o recente estudo das cerâmicas do castelo de Arouca, dos sécs. IX-X a XII, é um contributo importante na definição dos grupos cerâmicos

---

<sup>73</sup> REAL *et al.*, 1995: 171-186.

<sup>74</sup> 1995: 293-302.

<sup>75</sup> CARDOSO e RODRIGUES: 1991: 575-586

<sup>76</sup> Este último escavado sob a direcção de Cláudio Torres.

<sup>77</sup> LOPES, COVANEIRO e CAVACO: 2006.

<sup>78</sup> ALMEIDA; GONÇALVES; TEICHNER; SCHIERL, 2008; TEICHNER; SCHIERL, 2009: 975-986.

<sup>79</sup> SOUSA, E. :2006.

<sup>80</sup> FERNANDES, 2004 e 2005: 311-325; PAIXÃO *et al.*, 1994: 242-243, 261; SABROSA e ESPÍRITO SANTO, 1992: 11); GASPAR E AMARO, 1997: 343-344; GOMES *et al.*, 2005: 221-236).

nortenhos<sup>81</sup>. De contextos subaquáticos (por exemplo dos naufrágios de Aveiro) provêm conjuntos cerâmicos baixo-medievais e modernos, alguns intactos, provenientes de cargas *in situ*<sup>82</sup>.

A caracterização das produções, a identificação dos barreiros de origem e a circulação dos produtos cerâmicos vão registando grandes avanços nos últimos anos por via do recurso a análises mineralógicas, químicas e por activação de neutrões<sup>83</sup>.

### **Considerações finais**

Crescentemente a arqueologia portuguesa tem vindo a impor-se novos horizontes metodológicos onde a associação a outras disciplinas e ciências é determinante. Os estudos integrados de monumentos e sítios têm funcionado como veículos de valorização da arqueologia medieval, de reconhecimento da importância da cultura material para uma *re-construção* globalizante da História. A produção historiográfica nacional, gradualmente, começou integrar os dados arqueológicos e os estudos de base arqueológica, com evidentes vantagens recíprocas. A *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso (1992), ousou conferir-lhe essa valorização, com inegáveis reflexos positivos, reconhecida e seguida por outros.

A arqueologia medieval portuguesa cresceu e consolidou-se graças a diversos veículos de divulgação que cabe aqui referir: as revistas *Arqueologia Medieval* (Campo Arqueológico de Mértola), *Al-Madan* (Centro de Arqueologia de Almada), *Revista Portuguesa de Arqueologia* e os *Trabalhos de Arqueologia* (extinto IPA), *Estudos do Património* (IPPAR – IGESPAR), *Portugália* (FL – Universidade do Porto); *Arqueologia e História* (Associação dos Arqueólogos Portugueses), as actas de vários Encontros, alguns já citados, a que acrescentaremos os de Silves (publicados nas *XELB*) e os Congressos de Arqueologia Peninsular, o *8º Congresso Internacional de Estelas Funerárias (2005)*, entre outros; os catálogos de exposições temporárias, como por exemplo o «*Pera Guerrejar, Armamento Medieval no Espaço Português*» (C. M. Palmela) ou o «*Tavira, Território e Poder*» (C. M. Tavira).

Este breve balanço ficaria incompleto sem duas referências a estudos de epigrafia medieval: o corpus de *Epigrafia Medieval Portuguesa*, da autoria de Mário Barroca,

---

<sup>81</sup> SILVA e , 2007.

<sup>82</sup> Investigações do CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática), dirigidas por Francisco Alves. Vejam-se artigos sobre a cerâmica da Ria de Aveiro A, de BETTENCOURT e CARVALHO, 2008: 257-287 e 2009: 947-955.

<sup>83</sup> As análises por activação neutrónica são em Portugal realizadas no Instituto de Tecnologia Nuclear.

publicado em 2000 e o *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*, de Maria Manuela Alves Dias e Catarina Isabel Sousa Gaspar, publicado em 2006. A obra de M. Barroca é uma sistematização das epígrafes medievais cristãs do nosso território, com algumas referências a inscrições paleocristãs, islâmicas e judaicas. O autor, numa abordagem arqueológica e histórica, utiliza um sistema de fichagem que não se limita à leitura das peças mas estabelece um completo ponto de situação historiográfico para cada uma delas. Ao mesmo arqueólogo se devem estudos de armamento e numismáticos medievais portugueses<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> BARROCA, 2000a.